

Capítulo 13 Em Síntese

Presença africana na Amazônia: Um olhar



Foto: Amazon Conservation Team



THE AMAZON WE WANT
Science Panel for the Amazon

Presença africana na Amazônia: Um olhar

Martha Cecília Rosero-Peña^a

Mensagens principais e Recomendações

- 1) Povos africanos escravizados chegaram às Américas vindos de regiões tropicais. Por milênios os grupos Indígenas africanos realizam atividades agropecuárias, domesticação de espécies e manejo de ecossistemas diversos o que contribuiu para transformações positivas nas paisagens tropicais nas Américas.
- 2) Alguns seguimentos para abordar as contribuições dessa população comumente negligenciada:
 - a) promover a pesquisa vis-à-vis sobre a diversidade em territórios comunitários afro, além de manejo dos ecossistemas, técnicas afro e práticas de gestão ambiental, como também incluir comunidades afro-amazônicas nas pesquisas.
 - b) incluir contribuições de estudiosos afro-latino-americanos para uma compreensão mais profunda das origens e significados das práticas de resiliência afro na região e, c) dar atenção especial aos países de língua espanhola da bacia onde a pesquisa sobre os povos afro-amazônicos é muito incipiente.
- 3) Esses são sistemas únicos de manejo dos ecossistemas, adaptados às especificidades das sub-regiões tropicais usam os ciclos da natureza e são altamente dependentes da manutenção da biodiversidade. Hoje, os recursos genéticos, o conhecimento e as práticas de manejo realizadas pelas pessoas de origem africana são fundamentais para as economias, a produção agrícola e a culinária das sociedades americanas.
- 4) Considerar as comunidades afrodescendentes da região Amazônica como atores estratégicos na conservação da biodiversidade, os sistemas agroalimentares da floresta tropical, os ecossistemas e bacias hidrográficas. As características distintas da população amazônica merecem uma abordagem diferenciada para projetar estratégias de conservação específicas para o contexto apropriado. Implementar pesquisa estatística étnico-racial e coleta de dados socioculturais.
- 5) Os territórios coletivos de comunidades afro-amazônicas e seus processos de autodeterminação são chaves para preservar regiões com grande importância para a conservação biológica, como é a Amazônia. As comunidades afro-latino-americanas e os movimentos sociais devem saber mais sobre sua história ancestral de manejo de recursos naturais para valorizar mais suas próprias práticas de manejo de ecossistemas complexos (autoestima e promoção de novas ideias).
- 6) As estratégias de conservação desenhadas de acordo com as especificidades dos contextos devem explorar e aproveitar os valiosos aprendizados das ONGs que têm acompanhado as comunidades afrodescendentes no avanço dos processos de autodeterminação e gestão sustentável dos territórios ancestrais.
- 7) Existem diferenças significativas entre a região leste e a região oeste da América do Sul quanto à percepção da presença de afrodescendentes na Amazônia. Um dos motivos pode ser a localização dos portos onde os navios negreiros desembarcaram. Ao contrário dos portos escravos do Noroeste, os portos da região leste têm acesso direto à Amazônia. Essa diferença poderia explicar a maior invisibilidade da população negra nos países ocidentais da América do Sul. No entanto, desde os tempos coloniais, o determinismo e posteriormente o darwinismo político influenciaram todas as sociedades latino-americanas, reforçando o racismo e os estereótipos.
- 8) Os afrodescendentes enfrentam situações críticas de violência e deslocamento forçado de territórios florestais ancestrais, o que não apenas viola direitos fundamentais, mas também causa o

^a Center for Latin American Studies. Tropical Conservation and Development Program, University of Florida (UF), USA, mrosero@ufl.edu

colapso dos sistemas de manejo sustentável das florestas tropicais.

- 9) Maior visibilidade e reconhecimento das contribuições dos africanos para as Américas e o papel de seus sistemas de manejo nas florestas tropicais podem ajudar a gerar uma mudança qualitativa na percepção da sociedade majoritária sobre este grupo populacional. Além disso, essa estratégia seria um imenso apoio aos movimentos sociais afro.

Resumo Este capítulo evidencia a importância dos afrodescendentes na construção da Amazônia e de outras áreas tropicais nas Américas, além de destacar sua importância para as estratégias permanentes de desenvolvimento sustentável na região. Há um olhar tanto para os intercâmbios culturais quanto para as perspectivas sociais e históricas, enfatizando os padrões de assentamentos de terra, uso de recursos naturais e práticas de gestão. Seu foco é principalmente sobre o Brasil, Suriname e Colômbia, enfatizando a importância do envolvimento dos povos afrodescendentes na pesquisa acadêmica e política da Amazônia.

Introdução A presença dos povos afrodescendentes na Amazônia é uma questão constantemente ignorada. Os africanos vieram de regiões de florestas tropicais e, assim como os povos Indígenas da Amazônia, possuíam antigos conhecimentos e profundas experiências em ambientes tropicais que contribuem com práticas e manejo sustentáveis. Sendo crucial promover a governança ambiental inclusiva em termos de gestão sustentável dos territórios ancestrais e bem-estar econômico estratégico é crucial¹⁻⁵.

A maioria dos estudos sobre afrodescendentes na Amazônia vem de países que não falam espanhol³, o que pode ser explicado – entre outras coisas – pelos lugares e portos onde os povos escravizados desembarcavam. Outra explicação para a invisibilidade do papel dos afrodescendentes na Amazônia é o determinismo e estereótipos construídos nas Américas em torno da presença Africano. Um exemplo disso tem sido o imaginário generalizado nas Américas de que a contribuição dos povos afrodescendentes ao

Novo Mundo tem sido apenas sua mão de obra não qualificada.⁶⁻⁹. Outra interpretação envolve a relação entre certos setores das sociedades urbanas latino-americanas e a natureza, que geralmente tem sido considerada improdutivo. Nesse sentido, os habitantes das florestas eram considerados selvagens, preguiçosos e incapazes de transformar as florestas em áreas produtivas e desenvolvidas. Finalmente, tanto os afrodescendentes quanto os povos Indígenas nas Américas foram retratados erroneamente como povos sem história própria e capacidade de ação.

Tráfico de escravos, portos de chegada e entrada na Amazônia Estima-se que, ao longo dos quatrocentos anos da história do comércio de escravos africanos, foram feitas 80.000 viagens e aproximadamente 12,5 milhões de pessoas foram transportadas através do Atlântico¹⁰. Quando chegavam ao destino final, os escravos sobreviventes já haviam passado por abusos de todos os tipos¹¹.

Os europeus, principalmente os britânicos, franceses, espanhóis, portugueses e holandeses, sequestravam sua mercadoria humana a partir da África Ocidental, ao longo da área chamada “Costa dos Escravos”. Os portos se localizavam principalmente na área que hoje é a Guiné, Gana, Togo, Benin, Nigéria e Angola. O principal objetivo da escravidão era impulsionar a economia do Novo Mundo^{10,12} transportando diferentes grupos étnicos com conhecimentos, culturas e espiritualidades específicas para as Américas. Os navios que transportavam escravos eram abastecidos ao longo da Costa Ocidental da África, que apresenta grande diversidade de espécies de animais e plantas, inclusive arroz, café, quibo, gergelim e noz-de-cola¹³⁻¹⁸.

Avançando em direção ao interior da América do Sul A coroa espanhola avançou ao longo das regiões noroeste e oeste da América Latina, mas seu avanço em direção à Amazônia não foi tão decisivo e direto quanto ao avanço feito pelos portugueses no Brasil¹⁹ (veja o Capítulo 9).

Colômbia e Panamá: Chegada indireta na Amazônia
Embora de forma vaga, os afrodescendentes são



Figura 13.1 Biodiversidade e práticas culinárias em comunidade de afrodescendentes no território florestal na região do Pacífico colombiano. Grupos afro-pacíficos migraram para a Amazônia colombiana em diferentes épocas, em busca de alternativas de subsistência e liberdade. A) inventário de espécies de plantas e sua distribuição espacial em lote de terra familiar de afrodescendentes; B) 21 pratos e utensílios diferentes produzidos na comunidade Bubuey do Conselho da Comunidade Negros em Acción. Créditos das fotos: Martha Rosero-Peña. Convenio SENA-Tropenbos, Colômbia.

mencionados como parte das expedições que visavam a conquistar a região do leste da cordilheira dos Andes no século 16, a fim de abrir a floresta para exploração, inclusive de ouro. Uma rota importante para o transporte de mercadorias e africanos escravizados para a América do Sul era a partir dos portos de Cartagena de Índias, Portobello, Guayaquil e Lima^{20,21}. Em meados do século 17, Cartagena de Índias era o principal porto de escravos de toda a América Hispânica²¹, recebendo escravos pertencentes aos grupos étnicos Ararats, Lucumí, Zape, Angola, Congo, Viafara, Cambindo, Matambas, Carabalí e Popó. Segundo Romero (2017)¹², os africanos mantinham os nomes de seus grupos étnicos e locais de origem como sobrenomes. Muitos povos escravizados estabeleceram sociedades quilombolas na Amazônia, mas antes, tiveram que cruzar a cordilheira dos Andes.

Brasil e Suriname: Chegada direta na Amazônia Os africanos destinados ao Brasil vieram de várias regiões da Costa Ocidental da África, inclusive Senegâmbia, África Centro-Oeste, Bahía Santa Helena e Golfo de Benin, bem como do Sudoeste da África, especialmente Moçambique²². Os portos de Benguela e Luanda ampliaram a rota de Angola e foram criados

explicitamente para a venda dos africanos enviados à América²³⁻²⁵.

Durante o período colonial, os navios que transportavam escravos chegavam aos portos da Bahia e de Pernambuco, bem distantes da Amazônia. Alguns eram destinados para trabalho nas plantações de cana-de-açúcar no litoral, enquanto outros eram levados ao interior; escravos fugitivos dessas duas áreas geralmente se refugiavam no coração da selva. Embora com menor importância para a economia nacional, as atividades extrativistas foram a base da economia na Amazônia e os escravos africanos foram fundamentais para essas atividades. No Brasil, o Conselho Ultramarino definiu oficialmente os assentamentos de africanos escravizados como “quilombos”. Os quilombos estabeleceram relações locais com os povos Indígenas, comunidades locais e mercadores^{26,27}, e, com o tempo, tornaram-se o lar de Indígenas, mulatos, caboclos, soldados desertores e outros grupos marginalizados. Em meados do século 19, o ciclo da borracha (veja o Capítulo 11) aumentou a necessidade de mão-de-obra escrava, mas em 1869 o estado do Pará exigiu a emancipação de todas as pessoas do trabalho servil. Finalmente, em

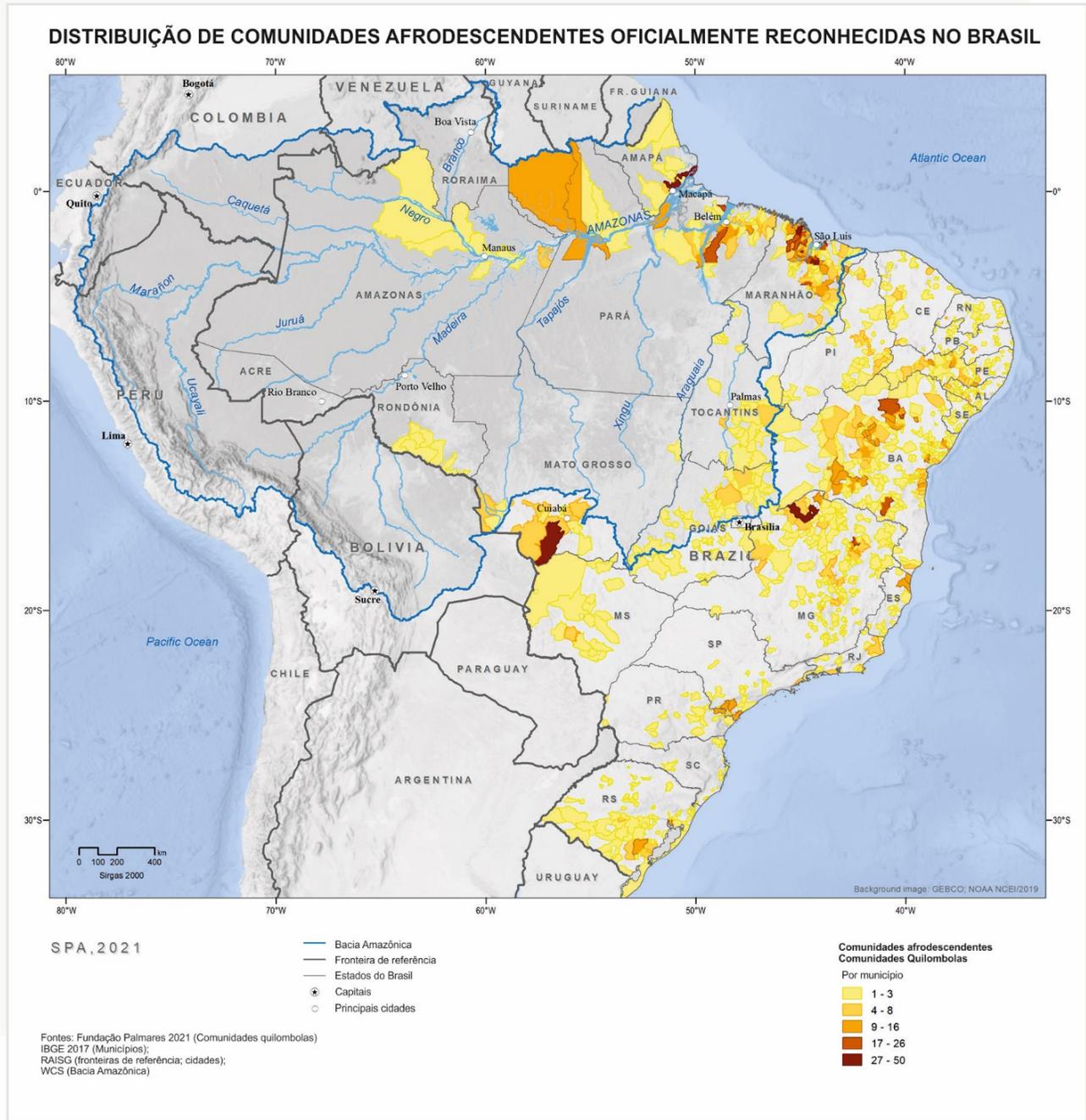


Figura 13.2. Afro-descendant communities legally recognized in Brazil ^{31,32,33,34}.

1888, a Lei Áurea foi promulgada, abolindo a escravidão no Brasil^{28,29}.

Em meados da primeira década do século 16, os holandeses estabeleceram sua colônia no nordeste da

América do Sul. Entre 1668 e 1823, estima-se que 300.000 africanos chegaram ao Suriname na condição de escravos, trazidos da região entre o sul do Gabão e o norte de Angola, incluindo Gana e Benin. Conta-se que a crueldade sem limites dos senhores de escravos holandeses causou a fuga de muitos escravos, que se refugiavam na densa floresta amazônica, estabelecendo comunidades quilombolas ao longo das margens dos rios da região.

Em 1863, o Suriname aboliu a escravidão e, após esse período, antigos escravos das plantações no litoral se estabeleceram principalmente na capital, Paramaribo. Hoje em dia, mais de 72.000 descendentes habitam seis comunidades quilombolas semi-independentes³⁰. O Suriname é considerado um dos lugares do mundo mais diversos em termos de etnia e cultura.

Importância da origem tropical para adaptação nas Américas Quando os portugueses chegaram à África Ocidental em 1443, os povos Indígenas que encontraram já haviam, durante milênios, desenvolvido complexas estruturas culturais e agrícolas. Esses povos haviam domesticado muitas espécies conhecidas no mundo hoje e possuíam sistemas de subsistência e extrativismo baseados na diversidade dos ecossistemas tropicais da África^{14,17,35,36}.

O fato de vir de uma área tropical era uma grande vantagem para a adaptação e resiliência dos africanos nos trópicos americanos, em favor tanto dos povos escravizados, quanto de milhares que fugiram e formaram assentamentos no meio da floresta³⁷.

Muitas atividades econômicas contemporâneas nos trópicos americanos são exóticas a este continente, inclusive a pecuária originária da Europa, África e Ásia^{14,38-40}. Os africanos não apenas domesticavam plantas, mas também tinham tradição como pastores⁴¹. O conhecimento africano de gestão de ecossistemas tropicais teria sido essencial para a adaptação de espécies de plantas e animais importadas para a América do Sul, o que refuta a crença disseminada de que foi a engenhosidade europeia que desenvolveu essas técnicas^{7,8,14}.

Agroecossistema dos escravos em plantações e quilombos: Transformação das florestas tropicais em florestas alimentares O legado africano nas Américas pode ser atribuído às técnicas agrícolas, de agrobiodiversidade, inclusive a gestão de sementes e adaptação de espécies a novos ambientes, além da prática culinária^{14,42}. Os alimentos básicos da África Ocidental, trazidos nos navios que transportavam escravos, tornaram-se a base da agricultura de subsistência dos quilombos no Novo Mundo, e a sobrevivência dessas comunidades dependia de sua capacidade de obter alimentos nesses novos ambientes^{21,43}.

Tanto os escravos que estavam nas plantações, quanto aqueles foragidos nos quilombos dependiam de seu próprio conhecimento botânico de plantas medicinais, religiosas e nutricionais para sobreviver^{44,45}, e essa herança se reflete nas práticas de subsistência dos grupos que habitam, ainda hoje, as florestas tropicais¹⁷. Os sistemas de policulturas de muitas comunidades do cinturão tropical africano transformaram a floresta tropical do Novo Continente em florestas de alimento, incorporando espécies básicas dos Indígenas, tais como milho, batata doce, mandioca e amendoim¹⁴.

Assim apesar das condições a que foram submetidos, tanto escravos quanto quilombolas conseguiram adaptar sólidos sistemas agrários ao Novo Mundo a partir de conhecimentos construídos ao longo de milênios nos trópicos africanos, aos quais incorporaram elementos ameríndios³⁷. Os sistemas de produção das comunidades afrodescendentes são considerados refúgios bio-culturais e de transformação positiva da paisagem^{37,46}. Eles combinam estratégias de subsistência, espiritualidade e comercialização com as populações próximas⁴⁷.

Gastronomia africana e práticas de sobrevivência em áreas tropicais da América Os alimentos e ingredientes africanos continuam essenciais nas práticas culinárias da diáspora e nas receitas das Américas. Nas áreas tropicais da América existe uma forte relação entre as mulheres, a agricultura, cestas

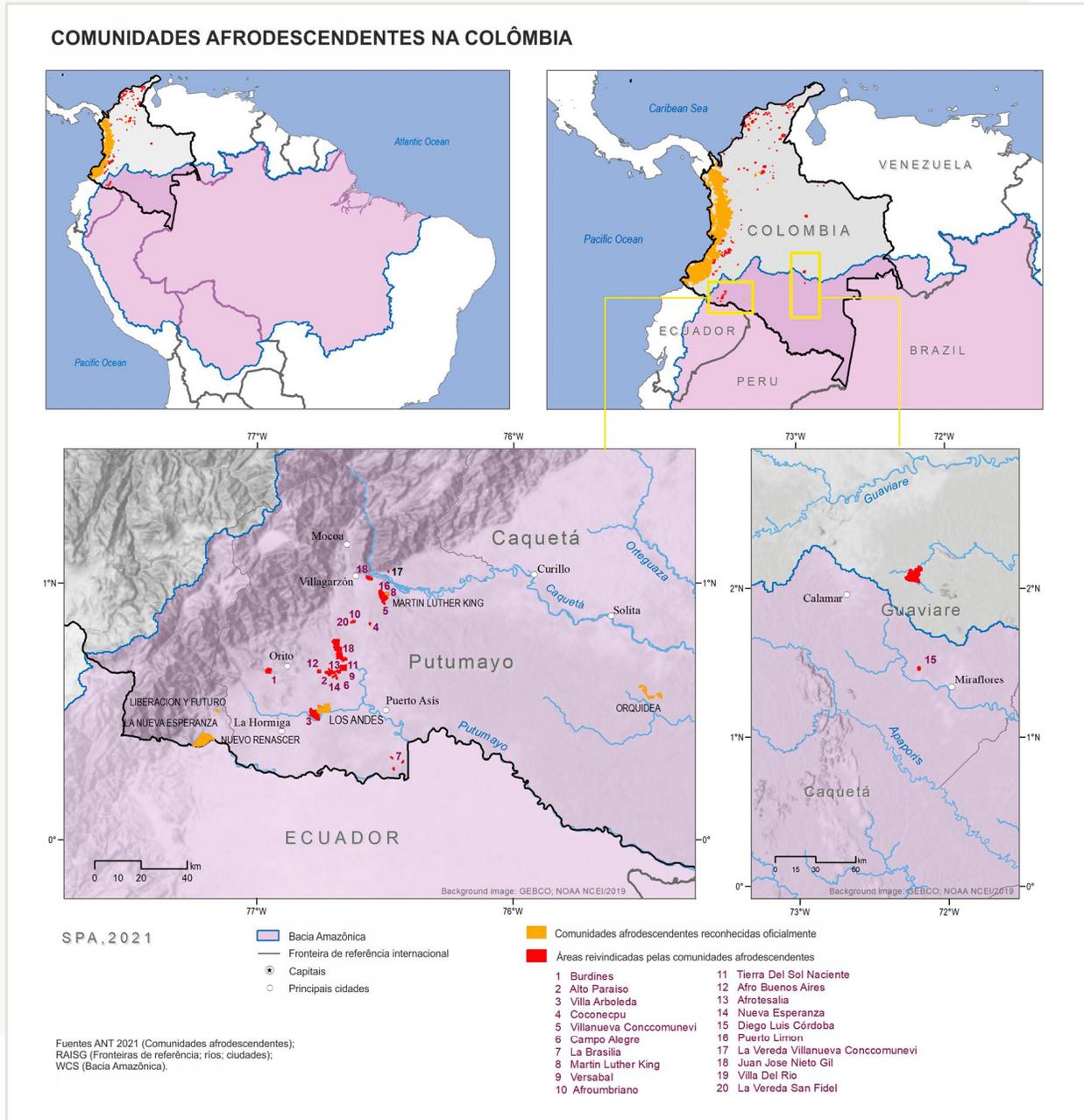


Figura 13.3 Comunidades afrodescendentes legalmente reconhecidas na Colômbia, tanto na região do Pacífico quanto em vários departamentos da região Amazônica Colombia^{33,34,48}.

de alimentos e atividades de subsistência dos ecossistemas^{42,49}, que podem ter sido preservadas e passadas das práticas culinárias africanas.

As práticas gastronômicas dos povos africanos na diáspora conseguiram preservar os pratos africanos, mesmo na Amazônia. Conforme sugerido por

Zabala Gómez (2017)⁴², a cozinha dos escravos africanos tem sido um espaço social, cultural, simbólico, físico e geográfico que, ao contrário de outras práticas, não foram perseguidas e abolidas pelos proprietários de escravos. Esses espaços de liberdade desempenharam um papel importante na preservação de receitas, conhecimentos e crenças, que estão ligados à biodiversidade e aos ecossistemas nos quais os ingredientes são produzidos ou coletados. Portanto, essas culturas e tradições também estão ligadas às práticas de gestão desses grupos.

Contribuição afro-latino-americana para a África

Além das contribuições da África para as Américas, as Américas também contribuíram para a África contemporânea. Ao longo dos séculos, pessoas, mercadorias, culturas, materiais genéticos e ideias viajaram nos navios entre as Costa dos Escravos e o Brasil^{25,50,51}.

Cultivos domesticados nas Américas, inclusive mandioca e milho, foram levados para a África e se tornaram elementos das dietas africanas. Após a abolição da escravidão, a diáspora brasileira emergiu na África, principalmente em Angola, com um intercâmbio cultural levado por centenas de escravos libertos que permaneceram conectados, em termos comerciais, culturais e intelectuais, aos seus parentes e conhecidos que ficaram no Brasil. Há informações de que alguns enviavam dinheiro para o Brasil para comprar a liberdade de seus filhos.

Transformações positivas das paisagens tropicais no período pós-abolição

durante o período de escravidão, os sistemas de múltiplas camadas e agrobiodiversidade foram característicos das estratégias de resiliência, seja com o trabalho nas plantações ou com a fuga para os quilombos. Após a abolição da escravidão no século 19, e durante todo o século 20, os afrodescendentes conduziram transformações e mudanças positivas nos territórios e ecossistemas onde habitavam desde seus ancestrais, com consequências adversas mínimas sobre o meio ambiente^{22,37,43,47}. A abolição da escravidão introduziu os afrodescendentes no mercado de trabalho sem os meios justos e necessários para navegarem no novo sistema. Dessa forma, mais uma vez, as florestas e

ecossistemas ajudaram os afrodescendentes, proporcionando a essas populações alternativas de um meio de subsistência e apoio familiar com base na gestão de recursos naturais. Isso contrasta com os sistemas de subsistência e plantação extensiva implementados pelos descendentes europeus e nascidos nas Américas (crioulos), de promover seus interesses econômicos às custas dos ecossistemas, com enormes consequências⁴⁶.

Atualmente, as comunidades de afrodescendentes em países como Brasil e Colômbia já tiveram avanços significativos na obtenção de títulos de terras onde habitavam seus ancestrais. Trata-se de um passo importante, especialmente em vista das dificuldades econômicas enfrentadas pelas comunidades de afrodescendentes no período pós-abolição.

Entretanto, esses grupos ainda enfrentam imensas dificuldades. Na Colômbia, por exemplo, a incursão de grupos armados e os combates associados ao comércio de drogas têm gerado deslocamentos forçados massivos, recrutamento de jovens, violência e ansiedade⁵³⁻⁵⁵. Além disso, as plantações de dendzeiros estão sendo ampliadas às custas das florestas no Pacífico colombiano³⁷. Após a assinatura dos acordos de paz em 2016, houve um período de relativa tranquilidade na Colômbia, que durou cerca de um ano. Contudo, o fim do conflito armado resultou na incursão de interesses extrativistas na Amazônia, levando ao desmatamento, grilagem de terras, uso não sustentável de recursos e à contínua violência contra os povos Indígenas e afrodescendentes.

Conclusões Um tema geralmente ignorado, é o fato de os povos africanos escravizados terem chegado às Américas vindos de regiões tropicais, onde a domesticação de espécies, a agricultura e a gestão de ecossistemas já ocorriam há milênios. Isso se reflete no grande número de espécies da fauna e flora que podem ser encontrados atualmente na gastronomia, cultura e economia da América Latina. Acadêmicos proeminentes chamam atenção para a importância das estratégias de adaptação humana dos afrodescendentes à floresta tropical para a transformação positiva dessas paisagens americanas. Entretanto,

existem complexos esquemas agronômicos nos sistemas doméstico e agrícola; as práticas de gestão de plantas e a agrobiodiversidade que suportam os cultivos de policulturas estão sendo gradualmente substituídas por novas ondas de plantações de monoculturas. A história dos afrodescendentes nas florestas tropicais e subtropicais das Américas fornece pistas para navegar incertezas e fortalecer a resiliência. Ela mostra, simultaneamente, possíveis caminhos para garantir o bem-estar e a conservação da natureza, ao mesmo tempo em que trabalha para o estabelecimento de um novo modelo de desenvolvimento na Amazônia, baseado em uma potente bioeconomia.

Referências

- Brandon, G. The Uses of plants in healing in an Afro-Cuban religion, santería. *J. Black Stud.* **22**, 55–76 (1991).
- Gruner, S. Territory, autonomy, and the good life: Afro-Colombian and indigenous ethno-territorial movements in Colombia's peace process. *J. Lat. Am. Caribb. Anthropol.* **22**, 174–182 (2017).
- Oliva, E. Intelectuales afrodescendientes: apuntes para una genealogía en América Latina. *Tabula Rasa* 47–65 (2017).
- Velez, M. A., Robalino, J., Cárdenas, J.-C., Paz, A. & Pacay, E. Is collective titling enough to protect forests? Evidence from afro-descendant communities in the Colombian Pacific region. *SSRN Electron. J.* (2019).
- Arocha, J. Inclusion of Afro-Colombians: Unreachable national goal? *Lat. Am. Perspect.* **25**, 70–89 (1998).
- De-Friedemann, N. S. & Arocha, J. *De sol a sol: génesis, transformación y presencia de los negros en Colombia*. (Planeta Colombiana Editorial SA, Bogotá, CO, 1986).
- Carney, J. Landscapes of technology Transfer: Rice cultivation and African Continuities. *Technol. Cult.* **37**, 5 (1996).
- Wood, P. H. *Black majority: Negroes in colonial South Carolina from 1670 through the Stono rebellion*. (WW Norton & company, 1996).
- Carney, J. A. *Black Rice: The African origins of rice cultivation in the Americas*. (Harvard University Press, 2009).
- Eltis, D. The volume and structure of the transatlantic slave trade: A Reassessment. *William Mary Q.* **58**, 17 (2001).
- Newson, L. A. & Minchin, S. Cargazones de negros en Cartagena de Indias en el siglo xvii: nutrición, salud y mortalidad. *Cart. Indias en el siglo XVII* (2007).
- Romero, M. D. *Poblamiento y Sociedad en el Pacífico colombiano - siglos XVI al XVIII*. (Programa Editorial Universidad del Valle, 2017).
- Clarence-Smith, W. G. & Topik, S. *The Global Coffee Economy in Africa, Asia, and Latin America, 1500–1989*. (Cambridge University Press, 2003).
- Carney, J. A. & Rosomoff, R. N. In the Shadow of Slavery. in *Africa's botanical legacy in the Atlantic world* (University of California Press, 2009).
- Van-Andel, T. African Rice (*Oryza glaberrima* Steud.): Lost Crop of the Enslaved Africans Discovered in Surinamel. *Econ. Bot.* **64**, 1–10 (2010).
- Harris, L., de good boat Neely, H. & show de face wid Neely, N. From African canoe to plantation crew: tracing maritime memory and legacy. *Coriolis Interdiscip. J. Marit. Stud.* **4**, 34–52 (2014).
- Van-Andel, T. R. *et al.* Local plant names reveal that enslaved Africans recognized substantial parts of the New World flora. *Proc. Natl. Acad. Sci.* **111**, E5346–E5353 (2014).
- Agha, A. Clay is everything: archaeological analyses of colonial period inland swamp rice embankments. in *Headwaters to estuaries: advances in watershed science and management -Proceedings of the Fifth Interagency Conference on Research in the Watersheds. March 2-5, 2015, North Charleston, South Carolina*. (eds. Stringer, C. E., Krauss, K. W. & Latimer, J. S.) 302 (e-General Technical Report SRS-211. Asheville, NC: U.S. Department of Agriculture Forest Service, Southern Research Station, 2016).
- Granero, F. S. *Opresión colonial y resistencia Indígena en la alta Amazonía*. (CEDIME, Centro de Investigación de los Movimientos Sociales del Ecuador, 1992).
- Klein, H. S. Las características demográficas del comercio Atlántico de esclavos hacia Latinoamérica. *Boletín del Inst. Hist. Argentina y Am. 'Dr. Emilio Ravignani'* (1993).
- Maya, A. Demografía histórica de la trata por Cartagena, 1533-1810. *Geogr. humana Colomb. los afrocolombianos - Tomo VI* **6**, 3–41 (1998).
- Arruda, J. D. C., Da Silva, C. J., Sander, N. L. & Barros, F. B. Traditional ecological knowledge of palms by quilombolas communities on the Brazil-Bolivia border, Meridional Amazon. *Novos Cad. NAEA* **17**, (2014).
- Miller, J. C. The Numbers, Origins, and Destinations of Slaves in the Eighteenth-Century Angolan Slave Trade. *Soc. Sci. Hist.* **13**, 381 (1989).
- Miller, J. C. *Way of death: merchant capitalism and the Angolan slave trade, 1730--1830*. (Univ of Wisconsin Press, 1997).
- Ferreira, R. *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World*. (Cambridge University Press, 2012).
- Domínguez, L. S. & Funari, P. P. A. Arqueología de los esclavos africanos e Indígenas en Brasil y Cuba. *Rev. História da Arte e Arqueol.* **9**, 1–20 (2008).
- Stenou, K. Newsletter “ The Slave Route Project ”. Director (International Year to Commemorate the Struggle against Slavery and its Abolition, 2004).
- Vergolino-Henry, A. & Figueiredo, A. N. A presença africana na Amazônia colonial: Uma notícia histórica. Documentos históricos. Vol. 1. Belem: Governo do Estado do Para, Secretaria de Estado de Cultura. *Arq. Público do Para Falangola Ed.* (1990).
- Da-Fonseca, D. R. O trabalho do escravo de origem africana na Amazônia. *Rev. Eletrônica Veredas Amaz.* **1**, (2011).
- Vossen, T., Towns, A., Ruysschaert, S., Quiroz, D. & van Andel, T. Consequences of the Trans-Atlantic slave trade on medicinal plant selection: Plant use for cultural bound syndromes affecting children in Suriname and Western Africa. *PLoS One* **9**, e112345 (2014).

31. Fundação Palmares Cultural. Certificação Quilombola. *Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQs) publicada no dou de 15/06/2021*. http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 (2021).
32. IBGE. Malha Municipal. <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15774-malhas.html?=&t=o-que-e> (2017).
33. RAISG. Amazonian Network of Georeferenced Socio-Environmental Information. <https://www.amazoniasocioambiental.org/en/> (2020).
34. Venticinque, E. *et al.* An explicit GIS-based river basin framework for aquatic ecosystem conservation in the Amazon. *Earth Syst Sci Data* 651–661 https://knbn.ecoinformatics.org/view/doi%3A10.5063%2FF1BG2KX8#snapp_computing.6.1 (2016).
35. Foreign Office. Nigeria. Handbooks prepared under the direction of the Historical Section of the Foreign Office. (1920).
36. UNESCO. *Africa's lost past: the startling rediscovery of a continent*. (The UNESCO Courier: a window open on the world, XII, 10, 1959).
37. Carney, J. A. Subsistence in the Plantationocene: dooryard gardens, agrobiodiversity, and the subaltern economies of slavery. *J. Peasant Stud.* 1–25 (2020).
38. De-Mortillet, G. The origin of the domestic animals. *Am. Nat.* **13**, 747–753 (1879).
39. Epstein, H. The origin of the domestic animals of Africa. *Africana*. (1971).
40. MacHugh, D. E. & Bradley, D. G. Livestock genetic origins: Goats buck the trend. *Proc. Natl. Acad. Sci.* **98**, 5382–5384 (2001).
41. Diamond, J. Evolution, consequences and future of plant and animal domestication. *Nature* **418**, 700–707 (2002).
42. Zabala-Gómez, E. Trapiches de esclavitud, fogones de libertad: cocina y alimentación de los esclavizados en el Valle del Río Cauca (1750-1851). *Maguaré* **31**, 227–250 (2017).
43. Thompson, A. O. *Flight to freedom: African runaways and maroons in the Americas*. (Kingston, Jamaica: University of West Indies Press, 2006).
44. Van-Andel, T., Behari-Ramdass, J., Havinga, R. & Groenendijk, S. The medicinal plant trade in Suriname. *Ethnobot. Res. Appl.* **5**, 351 (2007).
45. Van't Klooster, C., Van-Andel, T. & Reis, R. Patterns in medicinal plant knowledge and use in a Maroon village in Suriname. *J. Ethnopharmacol.* **189**, 319–330 (2016).
46. Leal, C. & Van Ausdal, S. Paisajes de libertad y desigualdad: historias ambientales de las costas Pacífica y Caribe de Colombia. *Desigual. socioambientales en América Lat.* 169–210 (2014).
47. Arocha, J. R. Ombligados de Ananse: hilos ancestrales y modernos en el Pacífico colombiano. *Cent. Estud. Soc.* (1999).
48. Agencia Nacional de Tierras (ANT). Territorios colectivos de Comunidades negras, afrocolombianas, raizales y palenqueras (CNARP). *Observatorio de tierras rurales* <http://otr.agenciadetierras.gov.co/OTR/Observatorio/ Acceso ATierras?area=1&subarea=3&> (2020).
49. Silva da Silva, M. A. & Costa Barbosa, B. C. La “ciudad ennegrecida”: esclavos en el Belém do Grão-Pará colonial. *Rev. Estud. Bras.* **7**, 109 (2020).
50. Law, R. Ethnicity and the Slave Trade: “Lucumi” and “Nago” as Ethnonyms in West Africa. *Hist. Afr.* **24**, 205–219 (1997).
51. Strickrodt, S. The Brazilian diaspora to west Africa in the nineteenth century. *AfricAmericas. Itiner. dialogues, sounds* 36–68 (2008).
52. De-Torre, O. The people of the river: Nature and identity in black Amazonia, 1835-1945. (2018).
53. Nocua Caro, D. Violencia sociopolítica contra líderes sociales y defensores de derechos humanos en el postconflicto: Dificultades y retos para la implementación de una paz estable y duradera en Colombia. *Rev. Latinoam. Derechos Humanos* **30**, (2019).
54. Escobar, A. Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. *Cuad. Antropol. Soc.* 25–38 (2015).
55. Martínez, J. N. & Tamayo, C. A. V. Conflicto armado, posconflicto con las FARC-EP y medio ambiente en Colombia. Una mirada coyuntural del departamento de Putumayo. *Criterios Rev. Estud. Fac. Ciencias Económicas* **6**, 19–30 (2016).